

• Política

GOVERNO **GAZETA MERCANTIL**

Democracia depende do êxito no combate à inflação, diz Sarney

por Amauri Teixeira de Brasília

"As forças democráticas de centro, de tendências equilibradas, devem unir-se, têm de se unir para salvar o País!", pediu o presidente José Sarney, na sexta-feira, no programa Conversa ao Pé do Rádio. O objetivo dessa união, segundo o presidente, seria combater um "modismo tropical, terrível, que tem muito de violência contra a alma e o sentimento do povo brasileiro".

No pronunciamento, no entanto, Sarney não deixou claro que grupos ou tendências estariam interessados em trazer prejuízos ao Brasil. "O País deixou de ter parâmetros equilibrados para uma certa esquerdo-anarquia que, no passado, aqui e em outros lugares, gerou ditaduras e frustrações. Ditaduras que tiveram muitos nomes, inclusive o nome de fascismo", afirmou.

Na mira daqueles que apostam na "terra arrasada" está o pacto social. "Há muita gente que deseja que o pacto não dê certo. Há muita gente sabotando, porque deseja que a inflação alta seja um trunfo na corrida presidencial", disse.

De acordo com o presidente, apostam no fracasso do pacto aqueles que ganham com a especulação financeira e os que estão "jogando na visão da terra arrasada", para conquistar terreno na corrida à Presidência da República.

Caso não haja êxito no combate ao processo inflacionário, Sarney acredita que a democracia está ameaçada. "A inflação é também inimiga da democracia, uma inimiga da estabilidade na nossa América Latina, porque os problemas começam aí, na área econômica, passam para a área social e vão bater na área política", afirmou.

Apelo à união do centro

Eis a íntegra do pronunciamento do presidente.

"Brasileiras e brasileiros, bom dia.

Aqui vos fala o presidente José Sarney, em mais uma Conversa ao Pé do Rádio. Hoje, 2 de dezembro de 1988. Estou chegando da Argentina, onde participei de um ato histórico e memorável para o Brasil e a Argentina e que se insere em um dos fatos marcantes na história de nossa América Latina. Assinamos um tratado de cooperação e desenvolvimento para a formação de um mercado comum entre nossos países, num prazo de dez anos, quando teremos livre circulação de bens e serviços e tarifas comuns em nossas relações comerciais com outros países. Devo dizer que as nossas relações com a Argentina nunca foram tão estreitas ao longo de nossa história; nunca estivemos tão longe de divergências e nunca estivemos tão unidos na busca de soluções comuns para vencermos as dificuldades que enfrentamos.

Com esse tratado, desejamos fazer com que o continente ingresse na economia dos conjuntos, mudando a nossa caminhada, fazendo crescer o comércio intra-regional e abrindo amplas portas para a participação de todos os países do continente. Esse tratado será em breve homologado por nossos Congressos e por eles acompanhado através de comissões parlamentares permanentes, que darão cumprimento ao disposto em nossa Constituição que tem como um dos objetivos nacionais a integração latino-americana.

Confesso que fiquei emocionado quando, na Casa Rosada, juntamente com o presidente Raúl Alfonsín, assinávamos esse documento. Tínhamos a certeza de que estávamos fazendo a história. Tive a oportunidade, então, de afirmar que eu tinha vivido esta causa com grande paixão durante todo o período do meu governo e que dedicaria o resto de minha vida política na continuidade e na luta por esta obra que considero de salvação da América, da liquidação de nossa pobreza e da abertura do definitivo caminho do futuro. Desejamos crescer juntos para os desafios do século 21, dominando saberes, ciência, tecnologia e ocupando os nossos espaços em termos mundiais.

Agora vou abordar alguns problemas internos. Um deles é esta notícia que tenho dado todos os meses aos trabalhadores que menos ganham neste País, que são aqueles que tem salário mínimo. Eu assinei decreto ontem estabelecendo o novo salário mínimo no mês de dezembro. Será de CZ\$ 40.425,00. Isto significa um ganho real de 5% acima da inflação. Estamos mantendo o nosso compromisso de dobrar o salário mínimo em seu poder real até o fim de 1989, sem demagogia e sem prejudicar o nosso trabalhador com o fantasma do desemprego.

Ninguém mais do que eu tem procurado dar um ganho real aos que recebem salário mínimo. Basta dizer que quando assumi o governo o salário mínimo aumentava no Brasil uma vez por ano, no dia 1º de maio. Hoje todo mês o trabalhador menor do Brasil não só tem o seu salário reposto nos termos da inflação, mas acima da inflação. E não tenho feito isto somente com os trabalhadores de salário mínimo, mas também com todos os trabalhadores. Nenhum governo, devo repetir, protegeu tanto os sala-

rios contra a deterioração da inflação quanto eu tenho feito.

Tenho dito e vou repetir: quando assumi, no caso dos outros trabalhadores, a correção era semestral. A grande reivindicação que se fazia era de uma correção trimestral, e hoje nós temos uma correção mensal. Por isso os trabalhadores tem sido melhor protegidos contra os males do processo inflacionário que é um processo perverso nos seus efeitos e que precisa ser liquidado, porque por mais que se acompanhe nos reajustamentos, nós nunca ganharemos do processo inflacionário.

Acreditamos hoje que os riscos da hiperinflação estejam contidos. O pacto social que eu desejei, lutei, doutrinei, desde o princípio do governo, parece que agora ganha força. A inflação tem se mantido nos índices acordados. Mas eu considero que isto ainda é pouco. Devemos ousar mais. Mas para isso é preciso patriotismo e visão realista de empresários, de trabalhadores, de toda a sociedade. Ninguém se salvará com o fracasso das medidas que estão sendo concertadas no pacto. Se o pacto deu certo em Israel, deu certo no México, deu certo na Espanha, deu certo em Portugal, por que não vai dar certo no Brasil?

Agora mesmo, durante minha viagem à Argentina, verifiquei que também lá o pacto está dando excelentes resultados. Eles têm um Plano Primavera que foi um plano resultado também de um pacto social. E eles conseguiram em três meses baixar a inflação de 30 para 8%. E vai baixando. No México era 16% ao mês, hoje está em cerca de 1%. Isto durante oito meses. Portanto, nós devemos perseguir objetivos sabendo que não se mudam as coisas do dia para a noite, mas que devemos ousar e tentar. Aqui, não podemos crer que não se tenha a consciência de que a inflação é um problema de todos e não um simples decreto do governo.

Mas há muita gente que deseja que o pacto não dê certo. Há muita gente sabotando, porque deseja que a inflação alta seja um trunfo na corrida presidencial. Outros, especulando. Outros, jogando na visão da terra arrasada que é a mais arrasada de todas as visões. Mas seria terrível que o nosso povo tivesse de sofrer apenas porque uns desejam ganhar eleições, desejam ganhar votos e outros desejam ganhar dinheiro.

O País deixou de ter parâmetros equilibrados para uma certa esquerdo-anarquia que, no passado, aqui e em outros lugares, gerou ditaduras e frustrações. Ditaduras que tiveram muitos nomes, inclusive o nome de fascismo. As forças democráticas de centro, de tendências equilibradas, devem se unir, têm de se unir para salvar o País! têm de superar divergências, ressentimentos, egoísmos, seduções e ambições pessoais e reverter a tendência desse modismo tropical, terrível, que tem muito de violência contra a alma e o sentimento do povo.

Para terminar, a renovação da minha fé de que venceremos. Eu nunca deixei de ter fé. Sou um lutador. Continuarei lutando. Muitas vezes injustiçado, mas certo de que sempre, com honestidade, com grandeza e com espírito público, tenho procurado cumprir com o meu dever. Construir a democracia, ajustar a economia e lançar os alicerces de um grande futuro. Bom-dia e muito obrigado."